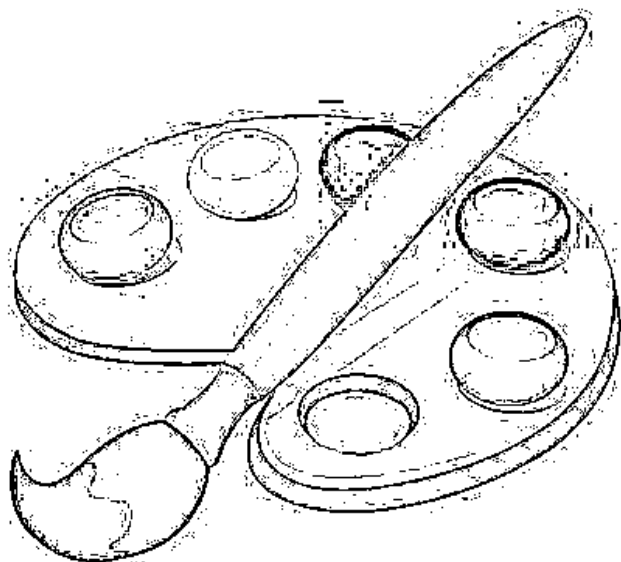


## Deixe a velhice caminhar<sup>1</sup>

Beatriz Conishi Cardozo  
Ferdinando Parrini Andreoni Guzzo



**O** nosso primeiro estágio foi também um encontro com a velhice e aconteceu em quatro aulas de pintura em tela e duas atividades coordenadas por alunas do sétimo período do curso de psicologia da PUC-SP.

### ***Estereótipos rasgados: aulas de pintura em tela***

Faltando pouco para o nosso primeiro dia de estágio, fomos avisados de que a instituição, visando a segurança dos seus usuários, passava por serviços de manutenção. Somos alunos que viveram o começo da faculdade de forma *on-line*, entrávamos no nosso primeiro ano presencial e, como impostores, no nosso terceiro ano da faculdade. Então, você imagina, para calouros ansiosos e medrosos frente a sua primeira experiência prática, o serviço de manutenção significou apenas uma coisa: nossa vivência esperaria mais duas semanas para começar.

Sonhamos com o que viveríamos e, sem dó, curiosidades assustadoras atropelavam esses sonhos: que tipo de observadores deveríamos e conseguiríamos ser? Quando o esperado dia chegou e o estágio começou, ficamos sabendo da nossa mais nova função: observar se havia interação entre os velhos<sup>2</sup> e se ela era construtiva. Foi

---

<sup>1</sup> Fala de uma das velhas que frequentam as atividades promovidas pelas alunas do sétimo período do curso de psicologia da PUC-SP.

<sup>2</sup> O termo *velho* foi adotado nestes relatos como resgate à Beltrina, 2018. Segundo a autora, as diversas maneiras de se referir à velhice são eufemismos que, através da substituição do termo *velho*, buscam suavizar essa etapa da vida e alterar a construção social do que é a velhice.

essa a missão que guiou nossos olhares durante os encontros. Todas as aulas começavam com a chegada animada dos velhos que, aos montes, passavam pela porta e se cumprimentavam. Capturava a nossa atenção um grupo de cinco que, com samba no pé e dando rodopios, entrava falando alto, rindo e avisando a todos que a turma já estava ali, pronta para mais um dia de pintura. Uma me explicou: elas vão para o núcleo de convivência para serem assim, para farrear, que ficar sentadinhas, quietas no cantinho, pintando e tendo aula não é mais para a idade delas. Agora, o que querem é festa!

Conforme chegavam cheios de energia, os velhos ajudavam a arrumar as mesas e as levar de lá pra cá e de cá pra lá, pegavam os materiais, procuravam as telas e, sempre, guardavam lugares para os amigos atrasados. No meio desse começo, notávamos a professora que, observando a quantidade de pintores que entravam, exclamava um animado: *hoje o dia vai ser pauleira!* Durante os encontros, muitos vinham até nós para mostrar as suas pinturas e, junto delas conhecíamos várias histórias: um velho fotógrafo que fazia mandalas e que já trabalhou com tudo o que você puder imaginar, uma amante de gatos que nos pedia aulas sobre os autistas, outra que fazia tricô, que era apaixonada pelo processo artístico e pela construção de telas ricas e demoradas e uma velha que mais perguntava sobre nós do que falava sobre si.

Foi também no meio das aulas que contavam sobre a importância de irem até aquele local e de encontrarem outros velhos. Destacavam a necessidade que tinham de sair de casa, onde seriam inundados de pensamentos ruins. Entre risadas, afirmavam com fervor que iriam protestar, que, durante as duas semanas de serviço de manutenção, haviam lhes imposto férias forçadas, coisa que não podiam nunca mais fazer, elas os proibiam.

E isso nos mostrou como sentem falta daquele espaço quando, por motivos inevitáveis, não podem ir até ele. A cada encontro tornava-se mais claro o carinho por aquele lugar, que transparecia em vários detalhes, como na velha que assustou a todos quando, com a catarata recém operada, apareceu por lá afirmando que apenas tinha ido para poder avisar que hoje não conseguiria ir. Sim, ela não precisava sair de sua casa para avisar para a instituição o motivo de sua falta, mas sentia, como todos, a necessidade de não se isolar em sua casa.

Ao longo dos encontros, também observamos a professora. Passando rapidamente pelas mesas, ela se atrapalhava com as tantas vozes que, juntas, lhe chamavam e era evidente a sua frustração por não conseguir demorar-se nos ensinamentos de um velho antes de ir para o próximo. Víamos, também, o ajudante que, conservando seu estilo sereno, corria de aluno a aluno, sem conseguir parar por um segundo. A vontade de ajudar nas orientações bateu em nossa porta várias vezes, alguma coisa de arte deveríamos saber. Será?

No meio desse vai e vem, começava o caso das telas trocadas: muitas alunas não encontravam as próprias telas e, outras, começavam a pintar em telas que não eram as suas. A professora, observando a situação, exclamava que todo mundo tinha que escrever os seus nomes nas suas pinturas. E ela continuava sobrecarregada, ia e vinha e, sem fazer pausas, dava dicas rápidas para os alunos que a chamavam. Os

aprendizes também ficavam ansiosos, diziam que passavam muito tempo parados, que tinham que ficar esperando a professora, porque, se não, fariam alguma coisa errada.

Nesse dia, como um desvendar, vimos uma das veteranas mudar de local a mesa de uma aluna nova, explicando que aquele lugar era o seu. Foi aí que o cordial guardar lugares para os amigos se mostrou como uma garantia de manter os lugares fixos de cada um. Também ouvimos cochichos e fofocas que nos mostraram que os velhos são como as pessoas de qualquer outra idade. Desconstruiu-se, então, a nossa primeira impressão que, agora, vemos como extremamente estereotipada: que ali a convivência era sempre maravilhosa.

A confusão continuou quando vimos uma desconhecida caminhar em nossa direção com a cara fechada. Chegou bem perto e, nos confundindo com funcionários, fez algumas reclamações: ela havia ido até lá para nada, que o seu assunto não foi resolvido, um absurdo. Poxa, ela era de lá e por isso, achava que começaria as aulas de pintura hoje mesmo, mas não, ela foi parar na lista de espera. Era não ter um lugar no lugar que era dela, na sua própria casa. E esquecia que lá tem regras e que, infelizmente e para além da vontade das funcionárias, tem também uma lotação.

Foi aí que alguém pegou o pano de pintura pessoal de uma das velhas e o dividiu em vários pedaços menores. Falando alto, a velha afirmava que aquilo não estava certo, que o pano era dela e que esses materiais ela mesma tinha comprado com o seu próprio dinheiro. Falou também que não dá para continuar assim, que a aula de pintura estava muito cheia e argumentava todas as suas colocações com a sua idade na casa: frequentava lá há mais de dez anos.

Uma de suas amigas, também veterana, acrescentou que o problema era que a instituição não aceitava apenas os da região Oeste, mas também de outras partes de São Paulo. Disseram que tá bom, sabem que todos os alunos são velhos e entendem que é preciso ter paciência, mas reconhecem que justamente por serem velhos, todo mundo já tem idade suficiente para ser educado, respeitoso e para saber o que é e o que não é seu. No meio da discussão, uma das alunas novas cochichava no meu ouvido e dizia que não gostava do egoísmo. Iria acrescentar mais materiais à quantidade que a instituição já cedia, iria comprar um monte de tinta, um monte de pincel e um monte de pano e dividir com todo mundo. Mostrava que era nova, mas que também era de lá e que lá, também, era sua casa.

Nos finais dos primeiros encontros, vimos despedidas agitadas, barulhentas e calorosas, inclusive com as alunas novas, que já participavam das risadas, conversas e abraços. De forma idealizada, consideramos àquele espaço como um lugar sem conflitos e nem sequer paramos para pensar como uma turma tão grande não teria atritos. Ao longo das vivências, porém, sentimos a confusão no não emprestar dos materiais, na existência de lugares fixos, nos casos dos quadros trocados e nas visões da professora e do auxiliar, que não deixavam de ajudar os alunos por nada desse mundo. E, agora, percebemos que a metamorfose da turma aos nossos olhos foi fruto da mudança que sofreu o nosso conceito de velhice.

A cada encontro que vivemos percebemos a vontade dos velhos de serem ouvidos, de conversar e de contar suas histórias. Concomitantemente, foi a experiência que nos mostrou como eles são diferentes entre si e distintos do conceito que havíamos construído. A cada encontro, apagavam-se os estereótipos do velho como sábio, fofo, cansado ou coitado e fomos perdendo o impulso desesperado de protegê-los e ajudá-los em tudo. O estágio, pela primeira vez, nos aproximou das pessoas velhas e da visão da nossa futura velhice futura. Foi uma aventura que nos iniciou em um processo de significação do processo de envelhecimento. E esse, foi o fim para o encontro que nos fez perceber que isso é interação e que no estar com o diferente surgem conflitos não importa a idade. De braços abertos, todos, velhos e funcionários, enfrentam o desafio que é a interação.

### ***O tecido da minha pele: oficina coordenada por duas alunas do sétimo período, do Curso de Psicologia***

O início desses encontros foi marcado pela fala alegre de uma das seis velhas que estavam presentes: *Hoje vocês vão ouvir as histórias dos velhos*. Sem demora, as duas quartanistas apresentaram a dinâmica do dia: escolher, dentre várias, um retalho que lhe agradasse e explicar o porquê. Como escolher? E se não gostar de nenhum? E se gostar mas não saber explicar o porquê? As velhas questionavam, mas logo foram, uma por vez, escolher o seu pedaço de pano, ansiosas pelo momento de compartilharem os motivos.

Os tecidos escolhidos despertavam histórias de infância, que eram narradas com empolgação, suscitavam, nos ouvintes, novas memórias e marcavam o início de animados e longos diálogos e debates. Contou-se histórias sobre os vestidos que foram dados de presente por familiares costureiras e sobre a morte precoce de suas mães e as desventuras que se seguiram. Também expuseram a vontade que tinham de estudar, os sonhos de voltarem para a sala de aula e as impossibilidades impostas pelos seus pais e, depois, pelos maridos.

As histórias caminhavam do passado para o futuro, e as velhas se queixavam sobre os cuidados excessivos que recaem sobre elas. Algumas afirmaram se entristecer ao ouvir os filhos determinarem o que elas podem ou não fazer, explicavam que os limites evidenciam que não são mais capazes de certas coisas. A maioria destacou que não gosta de ser podada, mas uma discordou: todas ali já estão velhas, não é mais possível fazer coisas perigosas e é preciso reconhecer e aceitar isso.

Finalizado o encontro, uma das velhas questionou o sentido da atividade. Disse estar frustrada por não haverem ressalvas, por não serem dadas soluções, se perguntava, então, por que contam suas histórias, angústias e problemas? Sabemos que repetimos os outros velhos, mas falamos também por nós quando os parafraseamos e dizemos que o estar ali é aprender, é sentir o ecoar e cortar das histórias que não parecem suas, é poder pensar junto e ouvir o diferente que lhe pode ser igual, é um compartilhar que costura uma colcha de retalhos com os tecidos escolhidos.

Apesar dos tecidos não participarem da dinâmica da vez, assim que colocamos os pés na sala para observar a segunda atividade, percebemos que iríamos construir outra colcha de retalhos com essas nossas histórias. Mas hoje, o tema era velhice. Cada velho escolheria um balão e em cada um deles haveria um número que corresponderia a uma questão. As coordenadoras leriam a pergunta em voz alta e todos os participantes deveriam respondê-la.

As velhas iniciaram contando coisas que antes não faziam, mas que agora fazem. Explicaram que a vida corrida da mocidade foi interrompida e, com esse respiro, também surgiu o sentimento de inutilidade. Frente ao não ter o que fazer, algumas afirmaram buscar cuidar de si, utilizando o seu tempo livre para fazer trabalho voluntário, viajar, participar das atividades da instituição e conhecer pessoas novas.

De forma unânime, responderam que a maior dificuldade no processo de envelhecer é a perda do vigor físico. Explicaram que cada vez aparece uma dor diferente que destrói a disposição, além é claro, da falta de memória que começava a assombrar alguns. Para a questão que pedia que fosse dito o que era o envelhecer, a primeira resposta foi automática: ruim. Logo, porém foi acrescentado que também existia a parte boa, a velhice trazia a sabedoria de buscar o melhor.

Esse aspecto positivo foi, contudo, questionado por outra participante: adquiria-se sim experiências, mas elas já não valiam de nada, não havia mais tempo de usar os novos conhecimentos. Concordaram e acrescentaram que a vida deveria de ser invertida, na melhor fase da vida faltava sabedoria e agora ela sobrava: *“Do que adiantava tanta sabedoria se ninguém mais nos aceita?”*. Também em consenso, responderam que, na velhice, começaram a temer a possibilidade de serem acamados, de não conseguirem cuidar de si e de perderem a independência... disseram que, quando esse momento chega, a vida já acabou.

Último balão, último número e última pergunta: o que imaginavam que seria a velhice? Responderam que nunca tinham pensando nisso, que era uma possibilidade tão remota... não consideravam que iriam envelhecer. Agora, porém, devemos deixar a velhice caminhar para a frente e... de repente, sem ninguém esperar e deixando-nos desconcertados a pergunta nos foi devolvida. E, agora, leitor, jogamos a bola para você: *O que pensam da velhice?*

*Data de recebimento: 08/08/2022; Data de aceite: 20/09/2022*

---

**Beatriz Conishi Cardozo** ([biaconishi@gmail.com](mailto:biaconishi@gmail.com)) e **Ferdinando Parrini Adreoni Guzzo** ([ferdinando.andreoni.guzzo@gmail.com](mailto:ferdinando.andreoni.guzzo@gmail.com)) são graduandos em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Relato de estágio da disciplina: Estágio Básico I, 5º período, 1º semestre 2022. Supervisora: Ruth G. da

C. Lopes CRP: 06-8643